

O futuro do País e

o "elogio à razão"

JORNAL DA TARDE

ANC P

O capital é um nômade permanente, que se assusta e foge diante de ameaças irracionais.

Essas palavras do empresário Wolfgang Sauer, presidente da Autolatina, comentando anteontem os absurdos e as tolices do primeiro esboço de Constituição preparado pela Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte, são muito mais do que uma sincera manifestação de ceticismo e descrença com a seriedade das lideranças políticas de nosso país. Na verdade, elas devem ser interpretadas como uma oportuna e objetiva advertência dirigida aos responsáveis pela definição de nossa futura ordem jurídica, chamando-lhes atenção para os graves desdobramentos inerentes à crescente paralisia do processo decisório no âmbito econômico.

Segundo Sauer, propostas como a redução da jornada de trabalho, pagamento de férias em dobro e estabilidade no emprego aos 90 dias são tão demagógicas que o empresariado já não se sente mais seguro para investir em novas atividades e na modernização tecnológica de seu equipamento. Sem um mínimo de racionalidade legal, disse ele, não há sistema produtivo que possa funcionar e se desenvolver, ou seja: sem leis claras, precisas e realistas, principalmente no que se refere ao reconhecimento das liberdades públicas e dos direitos individuais, é impossível organizar os fatores da produção — e é justamente por isso que tanto os políticos quanto os próprios dirigentes brasileiros não poderão ficar surpresos se, em breve, as empresas multinacionais decidirem migrar para regiões mais seguras, tal o seu temor com o imenso happening político em que se converteu a Constituinte.

A possibilidade de fuga de capitais, para o presidente da Autolatina, é um perigo que precisa ser encarado de modo objetivo, isto é, sem xenofobia nacionalista e sem deformações ideológicas. Por qual razão as empresas multinacionais aplicariam recursos vultosos, criariam empregos e gerariam riquezas em países carentes de estabilidade institucional e de certeza jurídica? Por que elas investiriam seus lucros em nações cujas lideranças políticas teimam em disseminar o radicalismo entre o capital e o trabalho, em minar a liberdade de iniciativa e em substituir a economia de mercado por uma economia sufocada pela camisa-de-força regulatória imposta pela burocracia estatal? Por que motivo elas estariam dispostas a acreditar em regimes e governos incapazes de estabelecer e manter uma política econômica coerente e racional, de combater a "cultura do jeitinho" e das concessões cartoriais, e de garantir a continuidade de uma legislação de natureza liberal?

Para Wolfgang Sauer, a fuga de capitais não é um risco exclusivo do Brasil contemporâneo, mas de todos os países cuja vida política vem sendo dominada pela corrupção, pelo populismo, pela demagogia e pelo oportunismo. É por isso que, "diante das ameaças irracionais" hoje presentes em quase toda a América Latina, o capital estrangeiro vai fugindo rapidamente do continente — o que poderá levar nações como o Brasil e a Argentina a ingressar na explosiva rota da involução econômica. Segundo ele, a fuga de capitais em toda a América Latina foi estimada em 130 bilhões de dólares no ano de 1985, o que corresponde a 52% da dívida externa da região.

"A fuga de capitais, já tão escassos e caros no mercado financeiro internacional, é uma das principais causas das dificuldades econômicas dos países em desenvolvimento. Não se pode ignorar que os entraves na negociação das dívidas dos países endividados como o Brasil estão associados ao aumento desse processo de fuga de capitais. Isto porque, embora não o digam, é certo que os bancos internacionais, cada dia mais, usam a posse de ativos no estrangeiro para negar a concessão de novos empréstimos aos países devedores. A repatriação desses capitais depende, naturalmente, de estabilidade e de condições atrativas de investimento, pois os capitais exilados, como não poderia deixar de ser, comportam-se exatamente como os estrangeiros", afirmou o presidente da Autolatina com sua objetividade de sempre.

Precisa em seus conceitos e realista em seu diagnóstico, a advertência feita por Wolfgang Sauer aos nossos constituintes, conclamando-os a desempenhar com maior seriedade e grandeza histórica a missão para a qual foram eleitos no ano passado, é um dos mais importantes documentos políticos já aparecidos entre nós desde o início dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte. Se comparadas com a surrada retórica de nossas lideranças políticas, invariavelmente manipulando os fatos, abusando dos adjetivos e destacando-se por seus jargões envelhecidos, as palavras do presidente da Autolatina são um verdadeiro "elogio à razão", num momento em que o Brasil vive uma angustiante sensação de incerteza, insegurança e perplexidade quanto ao seu futuro.

Por isso, mesmo correndo o risco inevitável do patulhamento ideológico, esse dirigente de um dos mais poderosos grupos empresariais atuantes no País não hesitou em vir a público para dizer que o País vai mal, muito mal. E por mais que suas palavras possam ser desprezadas pelos "pais da pátria", elas têm o condão de chamar a atenção dos setores responsáveis da Nação para o preço a ser pago pelas loucuras e pelos absurdos que vêm sendo cometidos pela Assembléia Constituinte: a paralisia das decisões no sistema econômico, o congelamento dos investimentos e a fuga de capitais, tudo isso deixando em seu rastro uma economia corroída pela inflação e estagnada por falta de recursos e de tecnologia, uma sociedade sem empregos e conformada às fantasias utópicas de seus pretensos porta-vozes e um país sem estadistas e sem esperança.

Somente pelo trabalho firme e sem a tutela do Estado, acompanhado da permanente cobrança coletiva de padrões éticos e da recusa sistemática aos maniqueísmos, disse Sauer em seu "elogio à razão", e repetimos nós, é que se pode chegar ao progresso e ao bem-estar. O resto é filustria.